

MARIA MARTINS UMA BRASILEIRA ALÉM DOS TRÓPICOS

M.^a Silvia Eisele Farina¹

Maria de Lourdes Faria Alves (1894-1973), nasceu em Campanha, Minas Gerais. Em 1915, casa-se pela primeira vez com Otavio Tarquínio de Souza (1889-1958), Seu segundo casamento foi em 1926, com Carlos Martins Pereira e Souza, diplomata brasileiro. Em 1934, Carlos Martins foi nomeado embaixador brasileiro no Japão, a família muda-se para Tóquio.

Dois anos mais tarde, Carlos Martins vai como embaixador para Bélgica, onde Maria aprende escultura com o escultor belga Oscar Jaspers (1887 – 1970). Em 1939, Carlos Martins é nomeado embaixador dos Estados Unidos e a família muda-se para Washington. Nesse período, Maria decidiu se dedicar à escultura, e transformou o andar superior do prédio da embaixada num estúdio. Começa a esculpir, em jacarandá, esculturas de grandes dimensões. Esse tipo de madeira, tipicamente brasileira estava numa feira internacional em Nova York, no pavilhão brasileiro, em 1939. A artista também desenvolveu trabalhos em cerâmica, instalando um forno no porão da embaixada. No mesmo ano suas esculturas foram incluídas numa exposição de um grupo de arte latino-americana no Riverside Museum em Nova York. Nas décadas de 1940 e 1950 seu trabalho artístico desenvolveu-se de forma progressiva e significativa, na Europa e Estados Unidos. Enquanto estava em Nova York conheceu o escultor Jacques Lipchitz, com quem Maria aprendeu o processo de fundição em bronze.

Alternava a arte com o glamour das recepções da embaixada. Dedicava-se durante o dia à escultura e à noite às recepções como embaixatriz. Assinava apenas Maria, como artista, fazia extrema questão do seu nome artístico.

Em 1948, Carlos Martins é nomeado embaixador da França e a família muda para Paris, onde Maria alugou um estúdio na Vila d'Alesia, em frente ao estúdio do artista Brancusi. Os dois escultores se tornam grandes amigos.

A produção artística de Maria Martins é cercada de efemérides desconhecidas do grande público, por exemplo, poucos têm conhecimento de que a escultura monumento *O Ritmo do Ritmo* foi criada para a inauguração de Brasília, em 1960:

Seu papel na arte brasileira não se restringe à poética visual, mas também, estende-se à promoção da produção artística nacional. Maria Martins foi uma das principais organizadoras da Bienal Internacional de São Paulo. O contato que tinha com os artistas fora do país, facilitou a participação de grandes nomes na exposição internacional.

Um catálogo que na capa tem um desenho, a bico de pena, do perfil de uma mulher, assinado por Candido Portinari, registrou a abertura, na tarde do dia 14 de outubro de 1941, da primeira exposição individual de Maria Martins, na galeria de arte Cocoran, em Washington. Nessa época, Maria Martins torna-se grande amiga de Fernand Leger que faz desenhos de suas esculturas. Nessa exposição foram apresentadas 18 obras, figurativas, em material diversificado: gesso, terracota, bronze, e três tipos exóticos de madeira tropical, jacarandá, imbuia e

¹ Mestre em Estética e História da Arte pela Universidade São Paulo

peroba(amostras de madeira que foram deixadas no stand do Pavilhão do Brasil, em 1939, na Feira Internacional, em Nova York)

A maioria das peças destacou-se, por apresentar grandes dimensões na altura, chegando até 2,50m de altura.. Alguns temas foram inspirados na origem brasileira de Maria: *Samba*, *Noite no Salgueiro*, outros temas, com referência à sua vida pessoal como *Nora* (uma de suas filhas), *Refugiados* (referente aos primeiros anos da guerra) e temas bíblicos, tais como *Salomé*, *Eva*, *São Francisco* e *Cristo*. A singularidade da obra *Cristo* não se destaca somente pelo entalhe em madeira no caso em jacarandá de tom de rosa forte – e seu acabamento rústico, texturizado, deixando ver a marca da goiva, mas também, pelo tamanho expressivo da obra: - 2,50 m de altura. Os braços da figura estão amarrados, apoiados sobre a cabeça e as mãos cerradas, maiores que o natural. Na base da obra, uma inscrição esculpida em latim, retirada do Evangelho de São Mateus: *Vae Vobis, Scribae Et Pharisei Hypocritae!*

Esta exposição obteve grande repercussão, e teve uma matéria publicada na revista *Life*, em que Maria foi citada como a melhor escultora do Brasil.

Durante o inverno de 1941-42, a artista alugou um estúdio em Nova York, localizado no mesmo quarteirão da Valentine Gallery. Nessa época, conheceu o artista Jacques Lipchitz (1891 – 1973) que ensinou à Maria a técnica da fundição em bronze. A durabilidade do material fascinou-a e na década de 40, a maioria de suas esculturas foi confeccionada em argila passando para gesso ou fundição em bronze

Em maio de 1942, a Valentine Gallery exibiu 21 esculturas, sendo que a maior parte havia sido exposta na Cocoran. Nessa oportunidade, é apresentada a primeira versão de *Yara* (a deusa do rio) 1941 bronze, uma figura feminina de fonte, com 2,20m de altura, sustentada por seres aquáticos peixes, ou golfinhos, meio disformes, que emergem da água e elevam a figura (acredito que, ai já inicia, na sua criação, a tendência de agregar o mundo animal, a natureza às suas obras), o que se repete em outras obras ainda dentro de um estilo figurativo, as mãos de *Yara* se juntam na altura dos seios como numa prece; o acabamento da superfície é ligeiramente áspero com linhas escorridas como se fossem a água, deslizando pelo corpo de *Yara*, após emergir do rio.

Para alguns críticos seu trabalho era pagão e violento. Até 1942, seus trabalhos eram figurativos, quando, a partir da série *Amazônia* inicia uma concepção voltada para o surrealismo, na qual figuras inventadas do seu imaginário transcenderam o real.

Amazônia é uma criação, a partir do inesgotável imaginário de Maria. As figuras dessa série apresentam-se numa miríade de formas abstratas e figurativas, Flora e seres monstruosos dentro de um emaranhado de linhas espirais e contínuas, coexistem dentro de um espírito de sensualidade, erotismo, paixão e amor fatal – tônicas integrantes de uma temática expressiva, ao longo de sua obra artística.

Enquanto Maria estava em Washington, o grupo do Breton estava em Nova York e isso lhe proporcionou um contato maior com o surrealismo. A singularidade da Maria Martins como brasileira está em jogo quando apresenta a serie *Amazônia* na escolha dos temas folclóricos da região Amazônica, onde hibridismo constante entre animal, vegetal e humano é a tônica desta fase. Breton nomeia Maria surrealista, quando entra em contato com estas obras na exposição.

Aspectos míticos, crenças e lendas da Amazônia, incluindo os ritos, as manifestações do inconsciente e do automatismo expressivo estão resumidas nesta série *Amazônia* quer nas formas, quer nos textos de sua autoria referentes a cada obra concebida, para esta exposição. São oito as obras: *Yemanjá*, *Yara*, *Apuseiro*, *Uirapuru*, *Cobra Grande*, *Macumba*, *O. Boto* e *Aioká*.

Trecho do texto de Maria para *Cobra Grande*:

“ Ela mora no fundo do rio num palácio adornado com pedras preciosas e adornado por flores raras. De lá ela governa a floresta e dita as regras para os outros deuses. Ela é a deusa que manda a noite para o mundo de modo que a luz do dia não machuque seus olhos quando visitar seu reinado, o imenso e desconhecido mundo da Amazônia. Ela tem a crueldade de um monstro e a doçura de uma fruta selvagem. Os deuses tremem ante ela e os mortais lhe fazem-lhe reverências. E ela continua viver tranqüila no fundo do seu amado rio(...)”.

À obra *Boto* aborda a temática do sedutor:

Como qualquer Don Juan, o Boto, não é inteligente, forte ou até mesmo bonito. Mas ele sabe como falar com cada mulher em especial. Ele diz a ela o que ela quer ouvir, ele traz os sonhos que ela quer sonhar. Ele faz para ela promessas que ela quer que lhe sejam feitas. Don Juan é a quinta essência do homem dissimulado artiloso e traiçoeiro pérfido homem e doce. Ele a persuade de forma que ele seja o fim da solidão que a tortura, ele é forte o suficiente para ser seu escravo e senhor, que para ela é o começo e o fim. (...) Com um riso vulgar ele volta a ser como era antes um peixe sem cor e desaparece no Rio. Onde está a jangada mágica, onde estão as flores, e as promessas? Onde está o Amor? Cunhatã, Cunhatã! Tome cuidado(...).

Para a obra *Yara*, segue trecho do texto:

(...) Yara é apaixonada pelo amor Ela é a sereia do Rio Amazonas. Entretanto tão longe o amor possa estar, Yara canta sua canção da sedução Embora esteja perdida de amor por um mortal que ele é. E o amante ouve o canto de Yara. Desgraça para ele será ouvir duas vezes (...)

Já a *Yemanjá*:

(...) Ela comanda os oceanos, todos os mares lhe pertencem. Ela poderia viver no Mediterrâneo, no Oceano Indico, onde ela quisesse, mas Yemanjá escolheu o Brasil. Lá ela circula da Bahia para o Amazonas. Em noites claras ela emerge das águas para inspecionar seu reinado, porque ela ama a Lua e por ser mulher, ela sabe que seu cabelo brilhante, suavidade de algas de todos os oceanos é ainda mais bonito sob a sob o feitiço da lua, transformando as ondas em prata e seduzindo o mais forte dos homens (...)

Maria Martins participou de exposições internacionais ligadas ao movimento do Surrealismo, entre elas, a grande mostra *Le Surréalisme* na Galerie Maeght (1947), em Paris, organizado por André Breton. O próprio Breton a reconhece como uma artista surrealista e passa a assinar textos de catálogos das exposições de Maria

A partir daí, seu trabalho vai se identificando com o surrealismo e com sua feminilidade, sempre por meio de formas não-explicítas e de um erotismo sutil. Nada é totalmente exposta, incitando um pensar, um sentir, uma sensibilidade que mobiliza também o racional.

A beleza estética convencional não é encontrada na maioria de suas obras exceto em algumas de sua primeira fase, em 1939/40, que eram figurativas, e que impressionavam na maioria das vezes, também por suas grandes dimensões (esculturas do tamanho natural ou de até 2,50m esculpidas em madeira).

Ela era dona das suas formas, e suas formas lhe pertenciam. Um mergulho no inconsciente de “maneira consciente”. Obediente aos preceitos do movimento surrealista vigente na época, lhe é facilitada a originalidade na concepção das formas. Na conjugação de suas fases existe um fio condutor poético: *LIBERDADE*. As linhas entrelaçam-se, mas não se prendem e nem se perdem, os espaços vazados proporcionam uma não contenção.

O surrealismo, recriado por Maria Martins, introduziu a identidade brasileira no surrealismo internacional. Os símbolos elaborados, foram desenvolvidos por ela, a partir dos temas do folclore e lendas da região amazônica, num acúmulo de textura da natureza brasileira, em pinceladas de massa pastosa, densa, numa textura que se usa na pintura, e em painéis escultóricos, de baixo e alto relevo. Nesta série, apresenta um hibridismo formal entre vegetais, animais e seres reinventados da floresta amazônica, evidenciado pelo *chapiscado* de massas. É uma vibração muito forte que dá movimento ao todo da forma:

“É como se fosse uma pintora que realizasse em três dimensões o significado da vibração das formas dando uma personalidade marcante”.

Para se buscar a identidade de Maria é importante, buscar as variáveis que singularizam sua obra. Maria Martins respondeu muito bem aos quesitos do movimento surrealista ao ponto de Breton, reconhecê-la como uma escultora surrealista. Ela se serve do automatismo psíquico de maneira que suas obras sejam de acordo com sua expressão livre e sem censura, com carga expressiva, original e instigante. É impossível parar diante da maioria das obras de Maria, sem repetir o olhar conduzindo à uma reflexão, sobre a relação do título e obra. Maria teve possivelmente além de uma amizade, um envolvimento amoroso com Marcel Duchamp, e por essa convivência entre artistas, desenvolveu uma forma de *pensar a arte* de maneira profunda e de extrema sensibilidade.

É da autoria da artista este trecho poético feito supostamente para Duchamp, na década de 40. Neste poema, observa-se um tom de sarcasmo e uma paixão ardente e perversa:

“ Mesmo depois da minha morte
Muito depois da sua morte
Eu quero te torturar
Eu quero o pensamento de mim encaracolado em volta do seu corpo
Como uma serpente de fogo sem queimá-lo
Eu quero te ver perdido, asfixiado, perambulando.
Na nevoa sombria
Entrelaçado por meus desejos
Para você quero longas noites de insônias
Preenchidas pelos troares dos sons da tempestade

Bem distante, invisível, desconhecido.

Eu quero que a saudade da minha presença

Então te paralise”.

Maria vai “*polindo*” e “*limpando*” as irregularidades propositais, caminhando pala um alisamento das superfícies de suas obras, mas nunca sem deixar a obra *mole, sem esqueleto* assim ela dizia . Mesmo nas obras que passaram pelo processo de fundição em bronze e polimento, Maria, dava o *toque* final deixando a obra “com vida própria”, proporcionando a sensação de que a artista passou por ali.

A arte de Maria Martins partiu de uma sensibilidade extremamente feminina. Suas formas desafiam os limites entre figurativo e abstrato. Não fez questão de pertencer ao movimento artístico algum, e nos anos de 1950, no Brasil, foi muito criticada. Em, 1956, por ocasião de sua exposição no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, prevendo a severidade de uma crítica modernista em relação a seu trabalho. Maria Martins escreve em seu catálogo:

Pouco importa essa ou aquela forma de expressão desde que o artista transmita a mensagem que é a sua e em seu idioma próprio, e não use essa espécie de modismo muitas vezes responsável pela grande pobreza de artistas de real valor. Para melhor me explicar diria que (...) quando em uma pintura ou escultura ressalta à primeira vista a escola ou o movimento a que se pretende filiar o seu autor, sem que tal escultura ou tal pintura desperte maior interesse de admiração ou mesmo de repulsa, essa obra não passa de ‘modismo’ e morrerá, ainda que conheça sucesso momentâneo (...).

A contribuição de Maria é relevante no que se refere ao uso de novos materiais, como o sermolite, cimento sorel e a argamassa. Estas experimentações com materiais incitam a uma busca de soluções mais aprimoradas na concepção estética de obras pela grandiosidade física que apresentaram ou por ter estrutura frágil de manuseio como filetes vazados ou pontas. (como em *A Soma de Nassos Dias* 1954/55, 330,9 x 190, 7x 64,9 cm sobre uma base de madeira de 18,0 x 144,0 x 64,0cm - em sermolite e estanho no acervo MAC/USP.

Como escritora ,em 1958, Maria publica *Ásia Maior: O Planeta China.* , em 1961 publica *Brama, Gandi e Nebru.* E em 1965 *Deuses Malditos 1: Nietzsche*

Para finalizar, uma inspiração que representa para mim, Maria:

Não é preciso aplaudi-la.

Ela já saiu do palco

Não tente esquecer

ela já mora dentro de você

Não tente escapar ela já lhe prendeu

Não a procure,

Ela quem vai lhe achar

Você pertence a ela,

sem ela lhe pertencer.

Referencias bibliográficas

RAMOS, Graça. *Maria Martins: escultora dos Trópicos*/ texto Graça Ramos; Introdução Paulo Herkenhoff- Rio de Janeiro: Artviva, 2009

Catálogos:

Amazônia by Maria, Valentine Gallery, New York Março 1943

ARTE moderna brasileira: uma seleção da Coleção Roberto Marinho. Tradução Stephen Berg. São Paulo: MASP, 1994.

BIENAL Internacional de São Paulo, 15., 1979, São Paulo. Catálogo geral. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 1979.

MARLA Martins, São Paulo: [s.n.]1997.95p. Catálogo. Exposição de 21 de novembro a 21 de dezembro de 1997, Fundação Maria Luisa e Oscar Americano, São Paulo

Maria Recent Sculptures Julien Levy Gallery, 1947 New York

MARLA The surrealist Sculpture of Maria Martins 19 de março a 18 de abril de 1998 Catálogo André Emmerich Gallery, New York